Por Jorge Luiz Andrade (*)

Em um ambiente marcado por alta tecnologia, decisões rápidas e protocolos rigorosos, o centro cirúrgico não pode perder de vista o que realmente sustenta a prática médica: o cuidado centrado na pessoa. Mesmo inconsciente, o paciente não deixa de ser alguém com história, relações, valores e dignidade. Reconhecer isso é o ponto de partida para uma atuação verdadeiramente responsável.

A excelência técnica, embora indispensável, já não é suficiente para definir a qualidade da assistência. Equipamentos modernos, processos bem estruturados e equipes capacitadas representam o padrão esperado. O que diferencia a prática está na capacidade de incorporar a dimensão humana a esse cenário, garantindo que o cuidado não se limite ao aspecto operacional, mas alcance também a experiência do paciente.

Essa abordagem se concretiza em atitudes que fazem diferença ao longo de toda a jornada cirúrgica. O acolhimento no pré-operatório, a comunicação clara e acessível, o respeito à individualidade e a atenção aos detalhes são elementos que contribuem para uma assistência mais completa. Desde a forma como o paciente é chamado até a consideração por suas crenças e necessidades, cada interação ajuda a construir um ambiente mais seguro e respeitoso.

O papel das equipes multiprofissionais é central nesse processo. No caso da anestesiologia, há uma responsabilidade que vai além do controle clínico. O anestesiologista acompanha o paciente em um dos momentos de maior vulnerabilidade e, por isso, tem a oportunidade de estabelecer um vínculo baseado em escuta, orientação e confiança. Explicar procedimentos de forma clara e simples, acolher dúvidas e transmitir segurança são atitudes que impactam diretamente a percepção do cuidado.

Mesmo durante o período em que o paciente está sedado, a humanização não se interrompe. A atenção à posição do corpo, à proteção da pele, ao manejo adequado da dor e à condução responsável no pós-operatório refletem um compromisso contínuo com a integridade do paciente. São práticas muitas vezes discretas, mas que revelam um padrão de atenção que vai além da técnica.

Em um sistema de saúde cada vez mais orientado por indicadores e metas, é necessário reforçar que resultados consistentes dependem também da credibilidade. Essa confiança não se constrói apenas com eficiência, mas com a percepção de que há um cuidado genuíno envolvido em cada etapa. Humanizar o centro cirúrgico é reconhecer que, mesmo sem consciência, o paciente segue confiando sua vida à equipe que o assiste. E essa responsabilidade exige não apenas qualificação, mas sensibilidade, ética e compromisso real com o cuidado.

(*) **Jorge Luiz Andrade** é anestesiologista e vice-presidente da Unimed Nova Iguaçu.

Fonte: Tree, em 29.04.2026